

O Critério de Noticiabilidade do SPTV 2ª edição no caso Covas¹

Valquíria Aparecida Passos Kneipp²

Resumo do trabalho: A quebra de um padrão formal, na rotina de um telejornal, é o fundamento desta pesquisa. O fato histórico ocorreu no dia primeiro de junho do ano de 2000, quando o governador de São Paulo Mário Covas foi até a Praça da República, onde os professores grevistas encontravam-se acampados desde 12 de maio. Este fato derrubou a edição inteira do SPTV Segunda Edição (telejornal regional da TV Globo na Grande São Paulo). Os fatores e os critérios hierárquicos e decisórios, que levaram a este inusitado momento do telejornalismo brasileiro fazem parte das buscas deste trabalho.

Palavras-chave: jornalismo; história; telejornalismo;

1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo observar a quebra da rotina de trabalho do SPTV 2ª edição (telejornal estadual da emissora TV Globo no estado de São Paulo), no dia primeiro de junho de 2000, quando o governador Mário Covas enfrentava uma greve dos professores da rede estadual de ensino há 30 dias. O dia primeiro de junho foi propositalmente escolhido por apresentar um momento considerado inusitado na história do telejornalismo paulista, pois apresentou na edição desta data, as imagens da fita bruta, em plano seqüência, do que deveria compor uma das matérias do telejornal com a questão da greve dos professores e o confronto com o governador Mário Covas. Toda a produção de matérias para edição desta data foi derrubada pelo diretor de jornalismo para dar espaço para uma única notícia. Vale ressaltar que este trabalho não

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Valquíria Aparecida Passos Kneipp é Professora da UAM – Universidade Anhembí Morumbi e da FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado.

² Valquíria Aparecida Passos Kneipp valkneip@usp.br é jornalista formada pela Unesp de Bauru, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e Doutoranda na ECA/USP na mesma área.

pretende fazer um julgamento parcial, mas simplesmente uma reflexão histórica sobre um momento diferente na rotina de um telejornal. Para tentar dar conta desta premissa durante o trabalho, além dos autores indicados na bibliografia, foram ouvidos: o diretor de jornalismo da TV Globo de São Paulo da época, Amauri Soares, o apresentador do telejornal, Carlos Tramontina, o coordenador de produção Luis Antonio Malavolta e o repórter César Tralli.

Este trabalho se refere à transmissão de notícias de atualidade e com o que alguns pesquisadores chamam de “grandes acontecimentos”, como foi o caso que ocorreu nos primórdios da TV Globo no Rio de Janeiro, em 1966, no episódio da cobertura da enchente que conquistou a audiência carioca, segundo Armando Nogueira na publicação Memória Globo³:

“No Jardim Botânico tinha uma queda d’água que passou a ser imagem-símbolo da enchente. A câmera que Walter Clark mandou instalar na rua Von Martius, apontando para a queda, ficava ligada dia e noite. Era como a imagem-padrão da Globo. Eu trabalhava na TV Rio. Mas a nossa referência se ia continuar chovendo era a cachoeira da Globo”.

Outros momentos podem ser recordados de quebra do padrão habitual, mas todos eles estão ligados ao imediatismo, à urgência que uma notícia precisa chegar ao público. Diferentemente do caso em questão, pois não tratou de uma notícia ao vivo, de uma transmissão simultânea, mas sim da transmissão de um fato ocorrido na tarde, do dia em questão, exibindo a fita bruta na íntegra sem edição.

“Que imagem do mundo fornecem os noticiários televisivos? Como se associa essa imagem às exigências cotidianas da produção de notícias, nos organismos radio televisivos?” Golding – Elliott, 1979, 1⁴.

Algumas definições comentadas por Mauro Wolf são perfeitamente ajustadas ao cotidiano jornalístico brasileiro, como por exemplo, o critério de noticiabilidade.

“A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo do jornalista - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional”.

Definir quais podem ser critérios de noticiabilidade do SPTV 2^a Edição, tendo como estudo o que se convencionou a chamar aqui de caso Covas, especificamente é a tentativa deste trabalho. Por isso, foi levada em consideração também a reflexão seguinte a este respeito do autor:

“Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de

³ Memória Globo – A notícia faz história p.19.

⁴ Apud Mauro Wolf p.169.

escolher, cotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”.

Ainda com relação à noticiabilidade Wolf faz uma ligação com a *perspectivada-notícia* (*newspaerspective*); dando a idéia de uma resposta que os meios de comunicação devem dar a questão que domina a atividade dos jornalistas: “quais os fatos que são importantes?”.

Mas afinal é possível definir objetivamente o que vem a ser notícia? É possível fechar num único conceito para uma perspectiva tão ampla? Para Atheide um dos adeptos da abordagem *newsmaking* notícias são:

“Aquilo que os jornalistas definem como tal”. Ou ainda que “a notícia é o produto de um processo organizado que implica uma perspectiva prática dos acontecimentos, perspectiva essa que tem por objetivo reuni-los, fornecer avaliações, simples e diretas, acerca de suas relações, e fazê-lo de modo a entreter os espectadores”.

É válida a premissa de Mário L Erbolato quanto a difícil tarefa de definir o que é a notícia quando ele coloca: “não obstante a importância da notícia, no chamado *império do jornalismo*, ninguém conseguiu defini-la satisfatoriamente. Os teóricos dizem como ela *deve ser*, mas não o que *realmente é*”⁵.

Diante desta dificuldade, a abordagem teórica do *newsmaking* cruza duas perspectivas com relação à cultura profissional do jornalista e a organização do trabalho e dos processos produtivos para observar a rotina do processo jornalístico.

2. Aspectos Metodológicos da pesquisa

“A entrevista desenvolve-se em direção das superindividualidades que reinam no mundo dos veículos de comunicação”. Edgar Morin⁶

Para realizar o trabalho de observação do momento histórico proposto por esta pesquisa, primeiramente é importante ressaltar a semelhança com as pesquisas de *newsmaking* exposta por Wolf, pois neste campo:

“Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com pessoas que põem em prática os processos produtivos”.

No caso a ser tratado nesta pesquisa os dados não foram colhidos no local através de um acompanhamento sistemático da rotina, e sim relatados pelos profissionais envolvidos através de entrevistas pela internet e pessoalmente. Outro

⁵ Mario Erbolato p.53.

⁶ Edgar Morin Apud Mario L. Erbolato p. 156.

aspecto metodológico utilizado foi a recuperação das imagens através do arquivo fornecido pela emissora.

A pesquisadora buscou sempre, através das entrevistas, manter certo distanciamento dos entrevistados em geral, pois a impressão demonstrada por grande parte deles era à busca de uma aprovação de todo aquele processo. Mas a busca da pesquisa sempre foi uma reflexão e não o julgamento de valores do fato em si.

Em termos teóricos a técnica de entrevista, que se buscou neste trabalho, vem de encontro com o que Cremilda Medina, no seu *Entrevista o Diálogo Possível* apresenta; ou seja: “entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo”⁷ ou ainda como o que ela afirma traçar um caminho possível a ser percorrido na busca do fazer jornalístico.

Outra perspectiva para o caráter ideal almejado para as entrevistas é observada na obra *A reportagem jornalística: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, de Nilson Lage, quando ele se refere à entrevista como: “qualquer procedimento de apuração junto à fonte capaz do diálogo”⁸. É claro que nem sempre foi possível dar cabo de toda esta pressuposição, pois algumas entrevistas foram realizadas pela internet, o que causa certa frieza e distanciamento do entrevistado, mas ainda, permite que o entrevistado responda com mais liberdade e tempo para refletir sobre as questões. O telefone também foi outro instrumento para a realização das entrevistas, impedindo assim, o cara-a-cara com os interlocutores, mas possibilitando a intervenção e a rearticulação das questões, quando necessário.

3. O que é notícia no SPTV 2ª?

O SPTV de acordo com as informações do site oficial da emissora: “... apresenta a grande São Paulo em formato de telejornal. Notícias, prestação de serviço, campanhas comunitárias... O SPTV tem duas edições diárias dedicadas aos principais acontecimentos da capital. Reportagens investigativas, coberturas ao vivo, entrevistas, curiosidades...”⁹.

A primeira edição não será levada em consideração, pois não faz parte do escopo desta pesquisa. Ainda segundo a própria emissora existem alguns diferenciais entre as duas edições do telejornal:

“No SPTV Primeira Edição, o jornalismo comunitário. Lideranças de bairro e autoridades debatem, ao vivo, as soluções para os principais problemas da

⁷ Cremilda Medina p.14.

⁸ Nilson Lage p.73.

⁹ www.globo.com/sptv.

cidade. As notícias quentes da manhã e as reportagens saborosas de Brito Júnior e Márcio Canuto compõe o perfil do jornal. Além disso, o SPTV presta serviços ao telespectador, desenvolve campanhas sociais, gincanas estudantis... É o paulistano pautando o nosso telejornal. No SPTV Segunda Edição um aprofundamento das principais notícias do dia. Reportagens Investigativas, denúncias, um olhar diferenciado sobre o que acontece na cidade. A busca permanente pela notícia exclusiva, pela apuração rigorosa dos fatos, pela reportagem que também fale bem, muito bem, sobre a Grande São Paulo.”

O que se convencionou a chamar de *Jornalismo Comunitário* pela TV Globo e também por outras emissoras como a TV Record com o telejornal *Cidade Alerta* e a Rede TV com o seu *Repórter Cidadão*, vai no sentido contrário de pesquisadores como Ana Arruda Callado e Maria Ignês Duque Estrada, entre outros, que de uma forma mais objetiva e prática consideram o Jornal Comunitário: “é muito mais que um órgão de informação é um instrumento de mobilização. É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas.”¹⁰.



(Carlos Tramontina – apresentador)

O SPTV Segunda Edição vai ao ar de segunda há sábado às 19 horas. É apresentado pelo jornalista Carlos Tramontina, um paulista de Adamantina que iniciou carreira na TV Globo em 1978, tendo trabalhado como repórter, apresentador do Bom Dia São Paulo e apresentador do São Paulo Já, telejornal que antecedeu do SPTV e também interinamente como apresentador do Jornal da Globo em 2000. Apresentou “N de Notícias” na Globonews. É autor do livro “Entrevista – Arte e história dos maiores apresentadores da TV brasileira” pela Editora Globo.

4. A rotina de produção do SPTV 2ª Edição

O SPTV 2ª Edição segue diariamente uma rotina que tem por prioridade cobrir a cidade São Paulo, em seus principais assuntos. Segundo o coordenador de produção Luiz Antonio Malavolta: “somos um jornal da comunidade. Nossa pauta é feita

¹⁰ Ana Arruda Callado e Maria Ignês Duque Estrada p.

exclusivamente de assuntos locais”¹¹. Segundo Malavolta os problemas nos bairros, a enchente, a violência, mudanças no trânsito, a defesa do consumidor, à política: Câmara, Prefeitura e Assembléia, os assuntos que mexem com a vida da cidade são os ingredientes do SPTV.

Para acompanhar todas as possíveis pautas os pauteiros trabalham com uma agenda de fontes e colaboradores. “O importante é que tenhamos uma pauta que permita o espectador se ver representado aqui, na abordagem dos assuntos, nas denúncias dos problemas e na cobrança dos problemas junto à prefeitura principalmente”¹², complementa Malavolta. Segundo ele, para dar conta deste trabalho diariamente são 15 equipes de reportagem 24 horas por dia, sete dias por semana, circulando pela cidade.

Na rotina de produção, todos os dias são realizadas pelos editores do SPTV, quatro reuniões de pauta, sendo que, duas delas são para definir o jornal do dia seguinte e duas para combinar o jornal do dia. Um fator que é fundamental nesta rotina de produção é a matéria factual: “claro que o factual se impõe. Se algo importante acontecer durante o horário de produção de um dos dois telejornais SPTV, tudo se altera”¹³, conclui ele.

5. A seleção das notícias

A abordagem *newsmaking* trabalha a questão da seleção das notícias através do que convencionou a chamar de noticiabilidade que é definida como: “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há de selecionar as notícias podemos definir de valores/notícia (news values) como um componente da noticiabilidade”¹⁴.

Para entendermos o critério de noticiabilidade do SPTV 2ª é importante levar em consideração a pesquisa de Ana Carolina Pessoa Temer a respeito dos telejornais da Rede Globo:

“O telejornalismo veiculado pela Rede Globo é, em termos quantitativos, predominantemente um espaço de orientação de comportamentos. Esse espaço é predominantemente ocupado por matérias de serviços e/ou matérias de denúncias e matérias de interesse humano, ou matérias que indiretamente apontem comportamentos a serem seguidos”.

¹¹ Entrevista realizada pela internet em 10 e 28 maio de 2005.

¹² Idem ao 11.

¹³ Idem ao 11.

¹⁴ Wolf p.175.

Já o pesquisador Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. realizou trabalho de acompanhamento e observação da edição do RJTV1 concluindo que:

“há fortes indícios que os critérios estabelecidos pelos editores do RJTV1, ao longo de toda a sua atividade, funcionam no sentido de tornar possível a rotinização do trabalho jornalístico. Eles passam a fazer parte dos procedimentos produtivos dos editores onde ganham significado. Embutidos no processo informativo, passam a ser considerados elementos naturais. É o tão decantado, pelos jornalistas, *senso comum* das redações, o *faro jornalístico* e *redigir se aprende na prática*”.

Assim, no SPTV 2ª Edição temos alguns critérios para estes valores notícia. Como por exemplo: o tempo do telejornal, a factualidade (que foi citada anteriormente), a abrangência e o que se convencionou a chamar de *bacalhau da semana santa*, mas todos com alguns critérios de seleção bem específicos que devem levar em consideração o ponto de vista do espectador. “A notícia importante para nós é aquela que mexe com o todo. Portanto a notícia sempre é do ponto de vista do interesse do espectador, porque fazemos jornalismo para a comunidade”¹⁵, declara Malavolta.

Segundo ele, chamado *bacalhau da semana santa* se refere àquelas notícias datadas como o papai noel, o dia das mães, o dia dos pais, o carnaval etc., são assuntos levados em conta pelo SPTV, pois estão na pauta do dia-a-dia só que, com a perspectiva de inovar e dar assuntos recorrentes sem cair no mesmismos.

O recorte abordado como estudo de caso por esta pesquisa, ou seja, o caso Covas mostrou um momento sui-generis do telejornalismo brasileiro, ao transmitir uma única matéria, composta apenas por imagens brutas, durante todo o tempo do jornal. O fato aconteceu no dia 01 de junho de 2000, quando o governador Mário Covas enfrentava uma greve dos professores da rede estadual, e resolveu visitar a Secretaria da Educação, na Praça da República, onde estavam acampados um grupo de professores. Ao chegar ao local houve um confronto entre o governador, Mário Covas, e os grevistas que tentavam impedir a entrada dele ao local. Na saída novo confronto entre as partes resultando numa agressão física do governador. O fato foi registrado exclusivamente, de acordo com o diretor de jornalismo da TV Globo de São Paulo, Amauri Soares, pelo cinegrafista da emissora Marco Antonio Gonçalves. Havia no local uma equipe da emissora, com o repórter Willian Waak, que preparava uma matéria sobre a greve para o Jornal Nacional, e só pretendia gravar uma passagem, tendo como fundo o acampamento dos professores na Praça da República:

¹⁵ Idem ao 11.

“A equipe chamou a redação para dizer que tava um clima tenso e que governador estava chegando, que aparentemente tinha um clima de muita hostilidade e que eles estavam acompanhando. Depois de algum tempo eles chamaram de novo dizendo: aconteceu aqui uma coisa impressionante, eles deram uma breve descrição do que tinha acontecido e estavam nos mandando a fita via motoqueiro que é como sempre acontece”.

De acordo com Vera Íris Paternostro: passagem do repórter é: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista.¹⁶

Depois de alguns minutos a fita chegou à redação da emissora e foi assistida pelo diretor de jornalismo, Amauri Soares e, pelo editor. Havia cerca de vinte minutos de imagens, que segundo ele levaram-no a tomar a decisão de derrubar o jornal todo, e mudar a rotina da paginação, a formatação dos blocos e dos intervalos comerciais:

“... era difícil descrever, porque aquelas cenas impressionavam tanto naquele momento, porque era um documento da história da cidade e do Estado de São Paulo. Porque mostrava um governador num momento de absoluto descuido de cerimonial, de segurança, e uma manifestação em frente uma escola... e houve um momento que os grevistas disseram que não iriam permitir a entrada do governador. O governador dizia que não aceitava ser impedido de entrar e foi pro confronto. E a nossa câmera documentou tudo”.

Depois disso Soares negociou a alteração do telejornal com o diretor de programação para ao invés de o SPTV 2ª Edição ter os três blocos habituais, ter apenas dois e ganhar mais um minuto para poder exibir a fita bruta, inteira sem cortes e sem edição, para ele aquele momento não poderia ser editado nem cortar alguma parte, pois perderia o significado: “... é uma história impossível de ser editada porque cada cena era importante. E quando eu assisti aquele material na ilha com o editor na hora me ficou claro que era uma história em dois atos: a entrada e a saída... Além de tudo é um documento exclusivo. Só a nossa câmera estava lá”¹⁷.

A equipe que estava trabalhando na emissora naquele dia recebeu a novidade da derrubada do telejornal com várias reações diferentes, o apresentador Carlos Tramontina: “Surpreso, num primeiro momento... depois que soube detalhes do que iria ocorrer, conclui que era uma decisão nova, arrojada e excelente para as circunstâncias...”¹⁸.

O diretor da central Globo de Jornalismo da época, Evandro Carlos de Andrade, também foi contatado por Soares: “assiste o jornal porque hoje nós vamos fazer uma

¹⁶ Vera Íris Paternostro p.147.

¹⁷ Entrevista telefônica.

¹⁸ Idem a 17.

coisa histórica. Vamos fazer um jornal inteiro numa fita bruta. Não tem edição, não tem off, não tem repórter de texto. Hoje eu vou fazer um jornal inteiro onde o documento é a imagem”¹⁹. Diante da exposição dos fatos Andrade deu total aval para as mudanças

A partir daí o telejornal foi estruturado com um único texto de abertura no primeiro bloco, seguido da exibição da fita bruta com cerca de oito minutos, mostrando a chegada do governador Mário Covas na Praça da República e o confronto inicial com os grevistas que estavam lá acampados. Continuou com uma passagem de bloco (texto lido pelo apresentador antes do intervalo comercial, geralmente chamando notícias do próximo bloco) chamando para a saída do governador. No segundo bloco outro texto apresentava a segunda parte do conflito com a saída de Mário Covas da Secretaria da Educação. Para finalizar uma nota de encerramento convidava o telespectador a fazer a interpretação de julgar necessário.

6. Considerações finais

As mudanças ocorridas no dia primeiro de junho de 2000 no SPTV 2ª Edição podem ser consideradas inéditas, pois de acordo com os integrantes da equipe, como o apresentador Carlos Tramontina: “Não me recordo de ter havido algo semelhante antes. Acho que não houve”²⁰. O responsável pela alteração daquele dia o diretor de jornalismo da época Amauri Soares recorda: “com relação a esse caso eu acho que ele é único e inédito, o fato de você derrubar o jornal todo pra botar apenas um assunto. E também é muito relevante e muito peculiar você fazer isso com o material bruto”²¹.

Com relação ao fato em si a alteração total da formatação de telejornal pode ser vista de duas maneiras conforme constatado com a própria equipe que participou do momento relatado por este trabalho. Pode ser colocado como uma coisa perfeitamente normal e até pode-se esperar como parte da rotina conforme o jornalista Amauri Soares: “você derrubar o jornal todo por conta de um fato relevante, inesperado é algo que acontece, que faz parte da rotina ou da falta de rotina que deve ser o fechamento de um jornal”²². Ou pode não ser como declara o apresentador Carlos Tramontina: “A quebra do padrão não é normal, ao contrário, só pode ser usada em casos específicos. E no

¹⁹ Idem a 17.

²⁰ Entrevista via internet.

²¹ Entrevista telefônica.

²² Idem a 21.

exemplo discutido, foi uma mudança radical, que só pode ser adotada em situações especialíssimas²³.

Mas podemos encontrar mais do que justificativas explicáveis para este caso inusitado, que é a questão das imagens que transmitem mais informações do que o próprio texto jornalístico, de acordo com Vera Íris Paternostro: “Informação visual: transmite mensagens através de uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita por parte do receptor. A TV mostra e o telespectador vê: ele se informa, está recebendo a notícia e ampliando o seu conhecimento²⁴. E esta informação visual foi à base do SPTV 2ª Edição daquela noite. E podem-se acrescentar até elementos como a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade jornalística dentro deste estudo para reafirmar o caráter único deste momento que proporcionou ao telespectador uma cobertura livre de direcionamentos conforme defende Amauri Soares: “você colocar a fita bruta de uma cobertura no ar, pra dar ao telespectador a oportunidade de ver realmente tudo o que aconteceu²⁵. É o que confirma também Tramontina: “O material, além de não ter cortes, não teve texto. Assim, evitamos que qualquer tipo de informação, a não ser as imagens e som ambiente, pudesse ser considerada a favor ou contra os envolvidos. E para que o resultado jornalístico fosse o melhor, decidiu-se mostrar tudo²⁶. Além das pessoas envolvidas na edição do telejornal daquela noite, outros jornalistas da redação acompanharam a exibição do SPTV 2, surpresos, como declara o repórter César Tralli:

“Lembro sim com clareza que houve um silêncio completo na redação no momento da exibição do jornal. Todos completamente paralisados pela força das imagens e da coragem do governador em enfrentar os manifestantes. Foi - para mim- um momento histórico da tv. Um ato ousado e inteligente dos nossos diretores de deixar o flagrante falar por si, sem texto, sem edição... A situação já era forte o bastante para qualquer interferência de locutor ou repórter. E o material era muito bom do ponto de vista jornalístico também para ser editado. É simplesmente inesquecível”.

Considerando as características expostas nesta pesquisa pode-se considerar o momento histórico aqui exposto, como único na televisão brasileira, ou ainda como um momento de total autenticidade da notícia, pois os fatos foram exibidos sem edição, manipulação ou direcionamento das informações para que o telespectador tivesse a chance de tirar a sua própria conclusão.

²³ Entrevista via internet.

²⁴ Paternostro p.64.

²⁵ Entrevista telefônica.

²⁶ Entrevista vis internet.

Pode-se também buscar explicações para esse momento histórico na perspectiva apresentada por Bill Nichhols acerca da representação da realidade através do documentário de observação:

“..a modalidade de observação atua no sentido da não intervenção do realizador nos acontecimentos que estão sendo filmados. São eles que determinam o andamento temporal do filme. A montagem sempre tem em vista a temporalidade autêntica dos acontecimentos. Essa estrutura narrativa não comporta narração, música extra e entrevistas. A existência do som sincrônico faz com que o discurso esteja estruturado em imagens definidas historicamente no campo e no espaço. Cada cena situa o espectador dentro da especificidade daquele lugar e daquele determinado momento. O que é representado é a experiência vivida e as características peculiares de seu cotidiano, no qual diferentes relações sociais são apreendidas, linguagens diferentes são ouvidas e identificadas em seus respectivos contextos culturais”.

7. Referências Bibliográficas

CALLADO, Ana Arruda e ESTRADA, Maria Ignês Duque. Como se faz jornal comunitário. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986.

ERBOLATO, Mario L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo – SP: Editora Ática, 2001.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro – RJ: Record, 2001.

MEDINA, Cremilda Araújo. *Entrevista – O diálogo possível*. São Paulo - SP: Editora Ática, 1986.

MEMÓRIA, GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz a história*. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar, 2004.

MORIN, Edgar. *A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão*. Rio de Janeiro – RJ: Cadernos de Jornalismo e Comunicação, 11, jun.1968.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV – Manual de Telejornalismo*. São Paulo – SP: Editora Campus, 1999.

PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia – os bastidores do telejornalismo*, Porto Alegre – RGS: EDPUCRS, 2000.

REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil – um perfil editorial*, São Paulo – SP: Summus Editorial, 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do jardim Botânico*. São Paulo – SP: Summus Editorial, 1985.

TEMER, Ana Carolina Pessoa Temer. *Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo*, Rio de Janeiro – RJ: Sotese, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, Lisboa – Portugal: Editorial Presença Ltda, 1995.

WWW.globo.com/sptv acesso em 01.05.2005.

WWW.bocc.ubi.pt/aceso em 09 jun.2005.

Entrevista com Amauri Soares de Nova Iorque, via telefone no dia 26 de maio de 2005.

Entrevista com Carlos Tramontina, via internet no dia 27 de maio de 2005.

Entrevista com Luiz Antonio Malavolta, via internet 10 e 28 de maio de 2005.

Entrevista com César Tralli via internet em 18 de maio de 2005.